

## O Relógio

---

Faustino Alberto é um homem de 32 anos. Cabelo fino, oleado, tem uma natural risca ao lado. Cabelo e risca raramente se lhe vêm pois traz permanentemente um velho barrete azul com as cores do F.C. do Porto. No verão usa-o para limpar o suor e é então que se lhe vê a risca. No verão e aos Domingos pois neste dia veste um fato barato, mas completo, castanho escuro.

Nunca passou de um metro e sessenta e um. Frequentou a escola primária durante oito anos até que finalmente a professora disse aos parentes que não valia a pena. Na escola não brincava. Com o mesmo sorriso de admiração e espanto que ainda hoje o acompanha, via os outros miúdos brincar. As outras crianças, benevolentes, ignoraram-no sempre.

Com a mesma benevolência foi aceite pelos mais velhos na obra onde foi trabalhar. Aprendeu depressa a transportar tijolos e a fazer a massa. Não precisou de muito tempo para saber onde ir comprar as cervejas para os mais velhos. Em todas estas tarefas soube desde logo mostrar grande empenho e sentido de colaboração.

Nos primeiros tempos entregava escrupulosamente o troco aos companheiros mais velhos que lhe ordenavam o encargo. Depressa aprendeu a guardá-lo dando em troca um olhar de malícia e cumplicidade.

Nos primeiros anos de trabalho os mais velhos divertiam-se falando-lhe das raparigas, propondo-lhe namoros impossíveis e ele ria-se muito. Com o tempo os companheiros de trabalho aprenderam a respeitara-lhe a idade e o empenho no trabalho. Faustino passou a ser só mais um trolha a quem os mais velhos já não pedem recados nem encargos. Os homens deixaram de lhe falar de mulheres.

Há muito tempo que escolheu como poiso do seu tempo de lazer o meu quintal. É ali que o vejo, braços sobre o muro olhando a rua, o barrete azul, o sorriso sempre igual. Cumprimento-o e recebo em troca um largo sorriso de reconhecimento.

O senhor Faustino não fala mas derrama sempre um sorriso cúmplice e de reconhecimento. Dizem os vizinhos que sendo "bom homem não é bem acabado".

Falou apenas uma vez comigo já lá vão dois anos. Apontando para o pulso disse, espaçando as palavras "Natal, um relógio". Sorriu.

Na véspera do Natal entreguei-lhe um relógio azul de ponteiros brancos. Incrédulo levou tempo a estender o braço para que lho colocasse. Depois, deu um toque no barrete, arregaçou a manga esquerda, estendeu bem o braço sobre o muro e olhou orgulhosamente a rua.

Faustino Alberto é um português no meu quintal.

**José Paulo Serralheiro**